



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

POLÊMICA DISCURSIVA: A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NA MÍDIA BRASILEIRA

Sheyla Márcia da Silva Sousa¹

Sidnay Fernandes dos Santos Silva²

Resumo: Nesta pesquisa analisamos os percursos interpretativos construídos pela mídia brasileira acerca da violência contra a mulher em diversos gêneros discursivos, amparados teórica e metodologicamente na Análise de Discurso de linha francesa, com foco no conceito “polêmica discursiva”, proposto por Dominique Maingueneau. Nossa pesquisa justifica-se, portanto, pelo anseio de pensar sobre os dizeres materializados pela mídia, tendo em vista os acontecimentos históricos que são narrativizados, bem como os dizeres de cunho machista que emergem em meio a uma construção discursiva sobre os direitos das mulheres. Diante da leitura do arquivo, constituímos nosso *corpus* a partir da temática que trata a mulher de forma contraditória: ora como “culpada” pela violência sofrida, ora como vítima.

Palavras-chave: Polêmica discursiva; Violência; Mulher.

Abstract: In this study we analyzed the interpretive trails built by the Brazilian media about violence against women in various genres, supported theoretically and methodologically in the French Discourse Analysis, focusing on the concept of "discursive controversy", proposed by Dominique Maingueneau. Our research is justified, therefore, by a desire to think about the words materialized by the media, in a view of the historical events that are related and the sexist nature of sayings that emerge in the midst of a discursive construction of women's rights. On the file read, we constitute our corpus from the theme dealing with the contradictory woman: sometimes as "guilty" for the violence suffered, sometimes as victim.

Keywords: Discursive Controversy; Violence; Woman.

¹ Graduanda do curso de Licenciatura em Letras Vernáculas pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB – Caetité/Bahia, bolsista de IC elo programa de Iniciação Científica/PICIN – UNEB.

² Professora da Universidade do Estado da Bahia, DCH, Campus VI, Doutora em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

Introdução

Nossa pesquisa focaliza discursos que tratam a mulher como culpada ou não da violência, física e sexual, acometida por sujeitos do sexo masculino que se julgam no poder de tratá-la como sua propriedade e, assim, agem conforme sua única e exclusiva vontade sem considerar limites.

Fundamentamo-nos em aparatos teórico-metodológicos da Análise do Discurso de linha francesa (doravante AD), com ênfase nos trabalhos de Dominique Maingueneau. É de nosso interesse, principalmente, os conceitos de interdiscurso e de polêmica discursiva, postulados pelo linguista francês. Para Maingueneau, os discursos não se constituem independentemente uns dos outros para, posteriormente, serem colocados em relação, mas se formam no interior de um interdiscurso. As relações interdiscursivas foram, por isso, focalizadas e, a partir delas, constituímos nosso *corpus* de análise. Conforme o autor, “o caráter constitutivo da relação interdiscursiva faz aparecer a interação semântica entre os discursos como um processo de tradução, de interincompreensão regrada” (2007, p.22). O discurso não escapa à polêmica nem à interdiscursividade para se constituir e esses aspectos permitiram-nos analisar a heterogeneidade discursiva e os modos como os sujeitos sócio históricos constroem sentidos.

Os trabalhos de Michel Pêcheux, a partir da década de 1980, estabelecem uma relação mais estreita entre linguagem e história. Também, a partir dessa década, com as publicações dos trabalhos de Dominique Maingueneau, a AD conta com mais uma vertente que toma o discurso como produção de sentidos que ocorre entre sujeitos determinados sócio-historicamente.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso - ALED - Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

Dentre os conceitos postulados por Dominique Maingueneau, lançamos mão da noção de polêmica discursiva. No livro *Gêneses do Discurso* (2008), o autor defende que o interdiscurso tem primazia sobre discurso e é nessa perspectiva que ele desenvolve a noção de polêmica discursiva. Ao ser considerado o campo discursivo como fruto de certa interação semântica, é criado um processo de *interincompreensão* generalizada, o qual produz diversas posições enunciativas. Assim, cada discurso é definido por uma grade semântica que, simultaneamente, constitui o “desentendimento” recíproco. Cada discurso se assenta em um conjunto de semas divididos em dois, nos quais, de um lado, estão os semas positivos - que apoiam o discurso apresentado - e, de outro, os semas negativos - que marcam a oposição ao discurso primeiro. A cada posicionamento discursivo apresentado pelo outro, diversos enunciados são compreendidos interiormente pelo intérprete/receptor, para que sua identidade seja constituída e comprovada no espaço discursivo. Chama-se de discurso agente aquele que é posicionado como tradutor e discurso-paciente aquele que é traduzido. A tradução aqui é entendida, de modo particular, como enunciados que são compreendidos na própria língua de cada tradutor, embora possa apresentar-se no interior de um mesmo idioma, conjurando, conseqüentemente, uma ou outra interpretação do mesmo enunciado, sendo esta divergente ou não. Essa interincompreensão não se exerce em nível de formas mal-entendidas, pois, no interior de uma língua, dois sujeitos podem trocar as mesmas representações, o que faz a língua fundamentalmente ambígua, com um enunciado e vários representantes.

No nível aqui tratado, a noção de polêmica não vem como violentamente controversa, mas sim, de forma em que a dupla interincompreensão atravesse o espaço discursivo, mostrando não só que o discurso segundo se constitui contra o primeiro, mas também que a polêmica não provém do interior, mas se responsabiliza pela heterogeneidade mostrada, em sentido amplo.

A relação polêmica, como vimos, está fundada nesta dupla repartição: cada pólo discursivo recusa o outro, como derivando de seu próprio registro negativo, de maneira a melhor reafirmar a validade de seu registro positivo.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

(MAINGUENEAU, 2008, p 67).

A heterogeneidade enunciativa mostrada, conforme Authier-Révuz (1982), que é a presença localizável do discurso outro no fio do discurso é subdividida em duas partes, a marcada e a não marcada. A marcada é aquela que está evidentemente representada no discurso, seja pelo uso de aspas, discurso direto ou indireto etc., o importante é que esta forma estará claramente exposta ao longo do texto. Em contrapartida, a não-marcada será aquela em que se compreende a utilização do outro, mas não a identifica de maneira clara, isso ocorre no discurso indireto livre, nas alusões, ironias etc.

Cultura do estupro em discursos

Aqui apresentamos uma análise de três textos: a) uma reportagem da *Revista Superinteressante* de julho de 2015, que tem o objetivo de informar seus leitores acerca de temas que são bastante discutidos durante o período de publicação; b) um *print* de uma publicação do *Facebook*, rede de relacionamentos e c) a suposta fala do comediante Rafinha Bastos.

Selecionamos tais textos após a leitura de um arquivo sobre a temática *Violência sexual contra a mulher*, considerando *ciber* arquivos que trazem discursos que se realizam pela polêmica. Em seguida, tentamos comprovar nossa hipótese da existência de um discurso que se materializa na mídia pela polêmica acerca do estupro e, mais especificamente, acerca de se culpar ou não a mulher pelo estupro. Nossa análise, que foi sendo realizada num procedimento de “batimento” entre descrição e interpretação, possibilitou não só a comprovação de nossa hipótese, como também a compreensão dos modos de funcionamento discursivo na mídia sobre o tema em questão.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso - ALED - Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016



Figura 1 - Fonte: *Superinteressante*, julho/2015³

A revista traz um discurso outro e o seu próprio discurso. O discurso outro, já antes construído pela sociedade, circula na mídia com sentidos de a vítima ser culpada pelo seu próprio estupro, pois, de alguma forma, provocou para que a violência acontecesse. E esse discurso funciona como discurso outro da *Superinteressante*, que o utiliza para construir seu próprio posicionamento discursivo, o qual contraria o já

³ Fonte:

https://www.facebook.com/Superinteressante/posts/10153700343187580?utm_source=redesabril_jovem&utm_medium=twitter&utm_campaign=redesabril_super

existente e alega a inculpabilidade da vítima, independente do que tenha passado até o momento em que foi violentada.

O discurso outro, como se vê no texto acima, segundo os discursos que circulam na sociedade, toda mulher que bebe demais pede para ser estuprada. A mulher que “bebe pouco” é tolerável, mas a que bebe conforme a segunda marca coloca-se em situação de risco e “fica divertida”; e toda aquela que consume todo o copo de bebida “não se cuidou”, como se ela estivesse pedindo para ser estuprada de acordo com a quantidade de bebida que consumiu.

Dessa forma, de acordo com os sentidos produzidos, ao beber pouco, a mulher está consciente e sabe o que faz e pode se defender caso perceba alguma ameaça a sondar. Ao beber uma quantidade que fica divertida, a mulher se coloca em situação de risco, pois não está totalmente consciente e pode “topar” tudo, da mesma forma que está vulnerável a qualquer tipo de violência. Já, ao consumir uma quantidade maior de bebida alcoólica, a mulher se coloca em situação de risco e, conforme esse discurso, bebe porque quer ser estuprada/violentada e pode ser tomada à força por homens que usam a bebida que foi ingerida como desculpa.

O enunciado “Você acha que mulheres que bebem se colocam em situação de risco? Então você culpa as vítimas.”, funciona como uma intimação para o leitor repensar sua concepção sobre o estupro. O “*você*”, interlocutor da frase que a responder positivamente, é responsável pela culpabilização da vítima, pois atribui a ela a responsabilidade pelo crime por conta da quantidade de bebida que ingeriu antes de ser violentada, independente do lugar que estava bebendo.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso - ALED - Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016



Figura 2 - Fonte: Superinteressante, julho/2015⁴

Na figura 2, assim como na 1, materializa-se a ideologia do estupro ter como responsável a própria vítima e, por outro lado, questiona essa ideologia, negando-a.

⁴ Fonte:
https://www.facebook.com/Superinteressante/posts/10153700343187580?utm_source=redesabril_jovem&utm_medium=twitter&utm_campaign=redesabril_super



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso - ALED - Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

A revista traz um posicionamento discursivo que considera a mulher “santa” ou “vagabunda” de acordo com a quantidade de homens com os quais já se relacionou. Assim, segundo sentidos que circulam, se a mulher ficou com um homem possivelmente ainda é “virgem”, se ficou com dois “serve para casar”, três é “experiente”, quatro é “pra pegar” e cinco é “vagabunda”.

Ao enunciado, tatuado no braço, “homens que amei”, seguido de quatro nomes masculinos (Saulo, Pedro, Adriano e Sebastião), que se apresentam com um traço sobre o escrito, e um nome (Felipe) que não possui esse traço (ou seja, o último nome representa o atual namorado/amante da mulher), acrescenta-se esse sentido que estamos discutindo e listados pelas expressões: “virgem, pra casar, experiente, pra pegar, vagabunda”. Tais expressões são a materialização do discurso outro. Ao se relacionar amorosamente com quatro ou mais homens, a mulher fica vulnerável e, por essa classificação, existem mulheres “pra casar” e “pra pegar”.

A imagem é apresentada com cores fortes e sombreamentos que sugerem seriedade, provavelmente com o objetivo de chocar o leitor e aquele que, por pelo menos uma vez, já pensou ou se expressou conforme esse percurso de sentido. Essas construções enunciativas procuram impactar o mais fortemente possível, pois algo dito, possivelmente sem malícia, pode-se inscrever no interior da cultura do estupro.

O enunciado verbal “Você acha que existe mulher “pra casar” e “pra pegar”? Isso é cultura do estupro”, em complementariedade com elementos imagéticos, apresentam-se atravessados pela heterogeneidade. Cita-se, assim, o discurso outro já repercutido na sociedade e nas esferas midiáticas, nas quais a quantidade de homens que a mulher já amou é motivo pela violência sofrida, culpabilizando-a pelo ocorrido, para ser contradito ou rejeitado.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso - ALED - Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

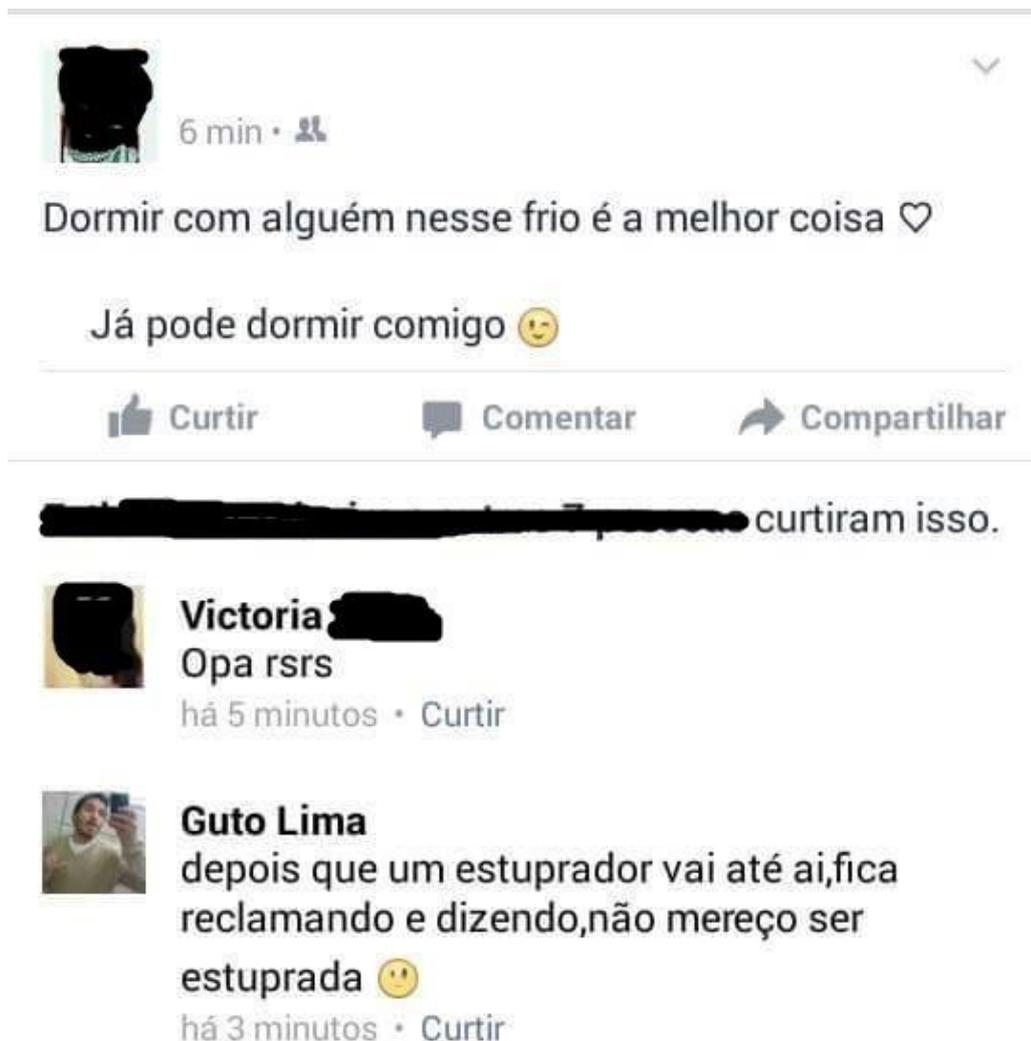


Figura 3. Fonte: Facebook.⁵

Esse texto (Figura 3) traz o discurso outro que é construído pela sociedade e, conseqüentemente, é refletido nas diversas esferas midiáticas. O *printscreen* acima foi

⁵ Disponível em: <http://www.pragmatismopolitico.com.br/2014/09/dez-opinioes-chocantes-sobre-estupro.html>. Acesso em: Agosto de 2015.

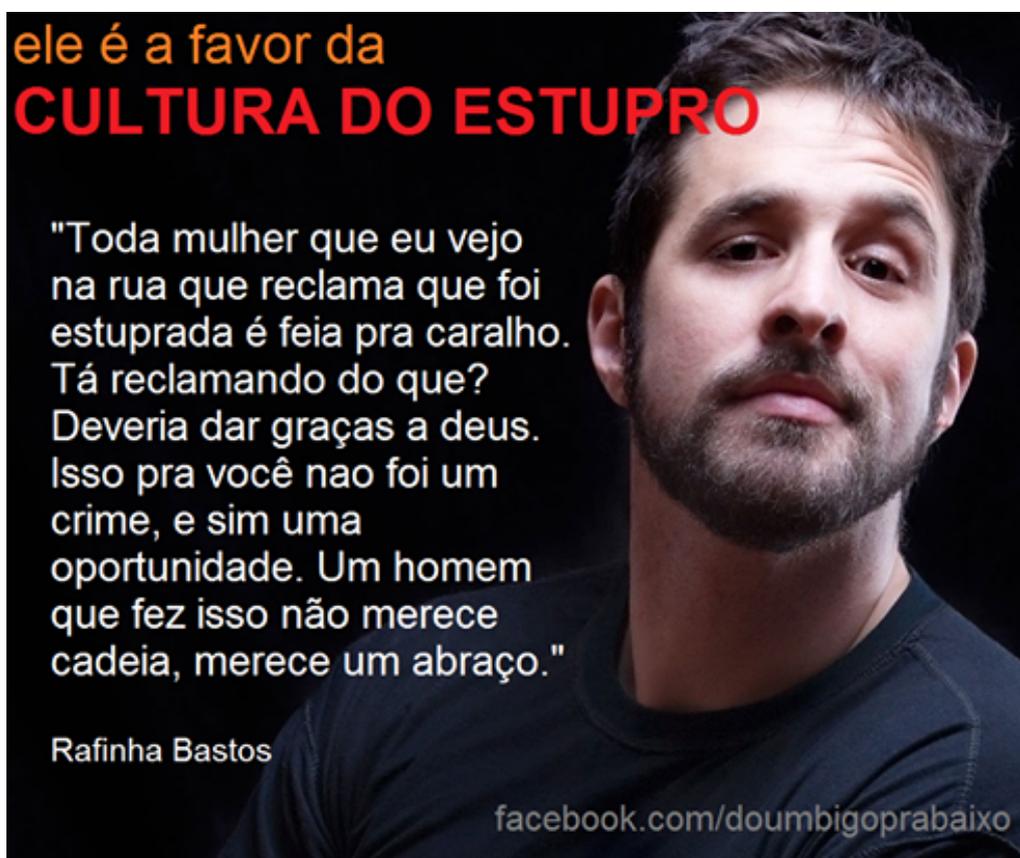


VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso - ALED - Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

retirado de uma página de rede de relacionamento, na qual uma moça expressa sua vontade de ter uma companhia para dormir no frio.

A enunciativa está falando, em seu *post*, sobre estar frio e, se alguém quiser e estiver a fim, pode ir dormir com ela. Já o sujeito homem, insere-se no diálogo fazendo um comentário que mais parece ser uma ameaça, amedrontando-a.

O *post* foi comentado e visto pelo enunciativo como um pedido de estupro. Por sua vez, o discurso do enunciativo é interpretado pela mulher como uma ameaça dele como se a prática hedionda existe para aterrorizar as mulheres e, nessa situação, se ocorresse, seria vista como um castigo para aquela que ousa sair da moral pré-estabelecida pelo que a sociedade machista prega, assim como a mulher que expressou seu desejo e foi combatida como alguém que “está pedindo para ser estuprada”.





VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

*Figura 4. Fonte: Facebook.*⁶

Esse texto (Figura 4) circulou e ainda circula no *Facebook* e foi produzida a partir de uma provável fala do ator e comediante Rafinha Bastos.

Em 2011, o comediante deu a declaração mostrada na imagem acima, em um de seus shows de stand up, alegando que o estupro só acontece com mulheres feias. No texto acima, atribuído a Rafinha Bastos, o enunciador indaga “Tá reclamando do quê?”, pois, para ele’ mulheres feias que são estupradas devem agradecer, pois com estas não foi um crime, mas sim um favor.

A imagem é apontada com o fundo na cor preta e chocante, com a frase “Ele é a favor da cultura do estupro” em vermelho para destacar aquilo que sua fala reproduz. Sua fala mostra nada mais que sua defesa à cultura do estupro, ao relatar que um estuprador merece um abraço, não cadeia.

O discurso outro, é presente neste enunciado, no qual a violência amedronta as mulheres, fazendo-as acreditar que é culpada pelo abuso sofrido, independente de qualquer coisa.

Conclusão

Verificamos que a polêmica discursiva gira, principalmente, em torno do discurso da sociedade e da mulher, prós e contra o estupro. Tais termos retomam e reconfiguram duas memórias discursivas, por um lado, a de que um dia todos foram influenciados pelo discurso social apesar de hoje serem contra o estupro e

⁶ Disponível em:

<https://www.facebook.com/doumbigoprabaixo/photos/a.1028233840574364.1073741828.1025635104167571/1139853002745780/?type=3&theater>. Acesso em Agosto de 2015.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

culpabilização da vítima; por outro, campanhas que alertam e tem a finalidade de conscientizar todo àquele que diz coisas que acham inofensivas, mas representam a “cultura do estupro”.

De acordo com Maingueneau (2010), a dimensão semântica, dentre as dimensões que aponta, é a menos evidente, pois “exige que se entre na construção da identidade semântica dos discursos engajados na polêmica, ligando a interação polêmica ao funcionamento do campo discursivo do qual participam os posicionamentos em conflito” (MAINGUENEAU, 2010, p. 195). Assim, a polêmica, aqui tratada, é constituída com base nos discursos sociais e pessoais, nos quais a construção da identidade ocorre o tempo todo, de acordo com os discursos que surgem sobre os acontecimentos de estupros nas diversas esferas midiáticas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANDÃO, Helena H. 1991. **Introdução à análise do discurso** – 3ª Ed. rev. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.

CHARAUDEAU, P; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de Análise do Discurso**. 2 ed., São Paulo: Contexto, 2006.

MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos Discursos**. Tradução de Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2008.

ORLANDI, Eni Puccinelli, 1942. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 6ª edição, 2005.

PÊCHEUX, M. (1983). **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Campinas, SP: Pontes, 2006.

POSSENTI, S; BARONAS, R.L. **Contribuições de Dominique Maingueneau para a Análise do Discurso do Brasil**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2008.